

## **DARK AGE: QUESTÃO DE DEBATE, UMA POLÊMICA ABERTA**

*Maria Regina Candido<sup>45</sup>*

### **RESUMO**

Heráclitos de Efesos ao citar que a guerra era um dos principais fatores de transformação no universo dos Helenos por tornar livres alguns e escravos os demais. O filósofo ao tecer esse princípio estava trazendo para o seu leitor e ouvinte a ideia de continuidade e mudança. Como helenista, temos dificuldade em estabelecer ou demarcar junto aos vestígios textuais ou arqueológico a precisa datação de uma fato e suas mudanças. Como exemplo citamos o debate existente em torno do período entre 1200 a 800 antes de nossa era junto a sociedade helênica cujo resultado foi a emergência da polis. O período ora é identificada como Idade do Bronze, Tempos obscuros, Idade Media dos gregos ou simplesmente Dark Ages pela historiografia anglo-americana. Os pesquisadores afirmam que o termo se deve ao retrocesso cultural e econômico que ocorreu na região helênica como ausência da escrita, dificuldade em estabelecer assentamentos e assim como a perda dos contatos e rotas comerciais no Mar Egeu. Nos interessa analisar a emergência dos termos junto a historiografia, como o conceito tem sido aplicado, seus possíveis significados e críticas junto aos pesquisadores helenistas.

**Palavras-chave:** Dark Age; Historiografia; Periodização

### **ABSTRACT**

Heraclitus of Ephesus citing that the war was a major factor in the transformation of the Hellenes universe by making some free and others slaves. The philosopher to weave this principle was bringing to your reader and listener the idea of continuity and change. Like

---

<sup>45</sup> Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenadora do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval e do Núcleo de Estudos da Antiguidade, da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro.

Hellenist, have difficulty establishing or mark together with the textual or archaeological traces the precise dating of a fact and its changes. As an example we cite the existing debate around the period between 1200-800 before our era together the Hellenic society whose result was the emergence of the polis. The period sometimes is identified as the Bronze Age, Times obscure Middle Ages the Greek or simply Dark Ages, by the anglo-american historiography. The researchers say the term is due to the cultural and economic setback that occurred in the region Hellenic as absence of writing, difficulty in establishing settlements and as well as the loss of contacts trade routes in the Aegean Sea. We are interested in analyzing the emergence of terms together the historiography, as the concept has been applied, their possible meanings and criticism from researchers Hellenists.

**Keywords:** Dark Age; Historiography; Periodization

Ian Morris no livro “*Historia y Cultura: la revolución de la arqueología*” considera que a Arqueologia faz parte da História Cultural e a define como estudos que partem da cultura material, de vestígios deixados por populações de um passado remoto que sobreviveu ao tempo. História torna-se cultural na medida em que procura analisar, explicar a existência e a organização de população remota no tempo e no espaço (MORRIS, 2007: 20).

Alguns arqueólogos processuais atuam como historiadores na medida em que buscam explicar historicamente artefatos provenientes da cultura material de uma dada sociedade. Outros tentam colocar texto, registros e vestígios de artefatos em diálogo com outros campos de saber. Ian Morris se propõe apresentar uma *arqueologia histórica*, ou seja, o dialogo da arqueologia com a história social dos Annales. Morris se prontifica a inserir em sua análise *os três planos temporais com a mesma seriedade temporal braudeliano*. Como pratica habitual de todo historiador o conceito será aplicado em um tempo e lugar concreto, no caso, a Idade do Ferro dos gregos situado entre 1100 a 600 a.C. (MORRIS, 2007: 27).

A Idade do Ferro formou um extenso território fronteiro da arqueologia helenística firmou-se como marco iniciatório do processo da formação da polis. O autor

marca o ano de 1870 para a emergência do tema entre os especialistas e afirma que antes desta data, não existia junto aos pesquisadores o conceito de Idade do Ferro (MORRIS, 2007: 143).

As análises da sociedade arcaica grega dependia da narrativa dos poetas épicos que retroagindo no tempo, chegava até ao IX a.C. e delineava o período através dos feitos dos heróis míticos representados por Homero na *Iliada* e *Odissea*.

Para os períodos anteriores ao arcaico as dificuldades se apresentam, principalmente quando nos afastamos geograficamente do território ático. Como pesquisadores, temos acentuadas dificuldades de encontrar documentação textual e narrativa escrita, fato que traz ao meio acadêmico o conceito de *Idade Obscura* ou *Dark Age* cuja superação está na aplicação da *dendrocronologia* ou *estratigrafia* que nos permite estabelecer aproximações e possibilidades de extensão até o terceiro milênio.

Ian Morris apresenta a divisão cronológica para a Grécia no livro “*Historia y Cultura: la revolución de la arqueología*” (2007,p.30), a saber:

Baixa idade do bronze/micênico	1600 – 1200 a C
Heládico Recente III C	1200 – 1075 a C
Alta Idade do Ferro/Idade Obscura	1075 -700 a C
	Submicênico 1075-1025 a C
	Protogeométrico 1025-900 a C
Arcaico	700 – 480 a C
Clássico	480 – 323 a C
Helenístico	323 – 31 a C

Roland Etienne responsável pela publicação do livro “*Archéologie Historique de la Grèce Antique*” (2000: 21), afirma que, segundo um acordo quase unânime, os historiadores distinguem sete períodos para demarcar o processo da civilização mediterrânea, a saber:

Idade do Bronze	3000 - 1100 aC
Idade Obscura	1100 - 900 aC
Período Geométrico e Orientalizante	900 – 600 aC
Período Arcaico	600 – 480 aC
Período Clássico	480 – 323 a C
Período Helenístico	323 – 31 a C
Período Imperial	27 a C – 235 d C

Irene S. Lemos no artigo “*Dark Age of Greece*” (2006) nos informa que as pesquisas sobre *Dark Age* obtiveram um acentuado avanço e aumento de produção decorrente das descobertas arqueológicas. O resultado, para a autora, está nas novas subdivisões cronológicas facilitam a compreensão dos períodos na atualidade, especialmente o intervalo entre *Late Bronze Age/Idade do Bronze Tardio*, identificado também como *Late Helladic III C* (LHIII C 1200 – 1100 a.C.) e o período sub micênico (1100 – 1025 a.C.) ao qual surgem os primeiros vestígios de artefatos de ferro. O período *do Early Iron Age/Idade do Ferro* coincide com o início do protogeométrico (1025 – 900), demarcado pelo artefato de cerâmica do estilo geométrico. A autora prossegue com a periodização, marcando o *Middle Geometric* (900-770 a.C.), precedido do último estágio identificado como *Dark Age* que termina em meados do VIII a.C. (LEMOS, 2006: 88).

Para um observador atento, fica evidente que a demarcação dos períodos considerados históricos detém uma estreita relação com a escola historiográfica cuja opção torna-se aconselhável de ser demarcada na pesquisa. Reconhecemos que a periodização é um artifício de explicação que distorce a abordagem histórica, pois quando nós delimitamos uma linha de tempo de forma contínua, estamos dividindo de forma linear e sucessivo os acontecimentos e, não existe uma unanimidade na demarcação.

Entretanto, podemos nos questionar a motivação que nos leva a delimitar por data e o estabelecimento de um corte temporal para analisar um processo histórico. A resposta é simples, segundo Ian Morris, o ato facilita as explicações para o leitor e torna o ofício do historiador mais fácil de ser praticado (MORRIS, 1997: 96). Fica inteligível para quem houve, quando o historiador remete ao tempo analisado como período arcaico, clássico ou helenístico assim como a identificação da época medieval e a idade moderna. A periodização é também uma qualificação que faz parte do processo da compreensão histórica assim como da escola histórica. A delimitação do tempo nos auxilia a identificar as características de um período assim como usar da comparação demarcando as continuidades, similitudes, diferenças, permanências e rupturas.

Para Ian Morris, no livro *"Inventing ancient culture: historicism, periodization and the ancient world"* editado por Mark Golden e Peter Toohey (1997), a periodização tornou-se parte fundamental para a compreensão do processo histórico dos gregos, principalmente para analisar as questões decorrentes da emergência da formação da cultura helênica no período de 1200 a 700 ac. O autor nos informa que a preocupação com esse período remonta ao século XIX que oscilava entre a classificá-lo de *Dark Age* ou *Heroic Age* (MORRIS, 1997: 96). A oscilação nos revela a ausência de consenso entre os *scholars* sobre o período analisado ao considerar que antes de 1200 seria a Idade Heroica e após 1200 nos apontaria para o *Dark Age*.

O helenista I. Morris identifica três momentos marcantes considerado de ruptura para o período entre 1200 a 700, a saber: a primeira ruptura ocorre em 1870, pois a

noção de Dark Age estava ausente na geração anterior de pesquisadores. Havia a convenção de analisar o período através das narrativas dos poetas líricos que construíram o imaginário social do *Heroic Age* a partir de Homero. A segunda ruptura ocorre após as descobertas de H. Schliemann sobre *Greek Bronze Age*, as análises efetuadas por Petries consegue sincronizar a desestruturação da realeza palaciana micênica com a XIXª Dinastia Faraônica de 1200 a.C. (MORRIS,1997: 97). A terceira fase, o autor argumenta que os achados arqueológicos combinados com a narrativa homérica permite construir o cotidiano do período identificado com Bronze Age (MORRIS, 1997: 98).

Diante da diversidade na construção artificial da cronologia, recorremos a pesquisadora Claude Mossé no livro *“La Grèce archaïque d’Homere à Eschyle”* (1984) para direcionar como se elabora o saber sobre o mundo grego de forma a indicar qual seria o ponto de partida. Como resposta a autora parte dos testemunhos antigos legado pelos gregos como os poemas homéricos *Iliada* e *Odissea*. A autora cita a principio que a Guerra de Troia foi uma fato histórico que colocou em coalizão os aqueus no qual os micênicos sob a liderança de um rei suserano, combateu os troianos e seus aliados. Essa premissa foi trazida por Moses I. Finley no livro *“O Mundo de Ulisses”* (1963) com base nos relatórios da missão arqueológica de 1932 e 1938. Michael Ventris (1952) ao decifrar a escrita do Linear B constatou que formava um conjunto e dado em forma de inventário da economia da realeza palaciana micênica acentuadamente distinto da sociedade heroica narrada por Homero.

Moses Finley considerou que a realeza palaciana micênica detinha um sistema organizacional semelhante aos dos palácios do Oriente Próximo e sugeriu uma periodização alternativa que parte do século X ao VIII como intervalo chave para entender a especificidade econômica e social da antiga sociedade pré-grega no Dark Age. (MORRIS, 1997: 98). O pesquisador Oliver Dickinson no livro *“The Aegean from Bronze Age to Iron Age”* (2006) considera acentuada a contribuição do Linear B (1952) para a formação do imaginário social do período Dark Age. A descoberta revelou que a liderança estava na

Realeza Micênica e o palácio constituiu-se como centro de poder no qual a escrita era usada como instrumento de controle e organização. O autor traz a memória do leitor a tese de Moses Finley ao afirmar que o sistema organizacional da realeza palaciana micênica evidencia uma notável similaridade com a realeza palaciana do Oriente Próximo (DICKINSON, 2006: 04).

A construção do modelo de análise de Moses Finley está baseada no *tipo ideal weberiano* e na abordagem econômica de Karl Polanyi e o pesquisador usa o termo *Dark Age* apreendido pela pesquisadora francesa Claude Mossé como "*âges obscurs*"/idade obscura, ou seja, o termo estabelece uma aproximação com *Dark Age*. Após uma análise apurada sobre a motivação no uso do termo similar aos ingleses, a autora deixa transparecer uma proximidade com do pesquisador Moses Finley de quem foi secretária nas análises da sociedade e economia no mundo grego em diversas publicações.

Claude Mossé considera que a gênese da *polis* anuncia o fim dos "*âges obscurs*", definida como a formação de uma comunidade territorial organizada em torno de um centro urbano, uma forma rudimentar de *demos* que se reúne em assembleia. Para a autora, o esfacelamento da autoridade real revela um duplo movimento: o deslocamento de autoridade para fora do palácio em direção a grupos da aristocracia guerreira e o aumento de extensão do *demos* caracterizando os três séculos que separam de Homero a Esquilo (MOSSÉ, 1984: 77). A temática integra o título de seu livro "*La Grèce archaïque d'Homero à Eschyle*" (SUEIL, 1984).

A outra vertente de pesquisa sobre a periodização nos leva aos arqueólogos em diálogo com a filologia clássica no qual a proeminência da documentação textual indica que o período anterior a 1200 tornava-se a idade heroica do gregos/*Heroic Age* devido existência de informação em Homero e o período após 1200 qualifica-se como *Dark Age*, permanecendo a margem como tema de pesquisa e demarcando uma descontinuidade entre 1200 a 700 a.C. Na Alemanha, o enfoque filológico emerge com o trabalho de August Wolf no "*Prolegomena ad Homerum*" (1795/1985), na qual alegava que os dados

de Homero provem de narrativas populares preocupadas com valores e atitudes éticas de seu tempo.

As questões de A.Wolf definiram a chamada “questão homérica” uma serie de perguntas sobre a composição da *Iliada* e *Odisseia*. A motivação política está na ideia de nacionalismo junto às escolas britânica, francesa e alemã. Entre 1870 a 1914 os conceitos sobre a antiguidade grega ficaram além da *questão homérica* cujo tema caiu em desuso. O interesse ficou em torno da Idade Micênica descrita por Homero e o período pós 700 a.C. As áreas de interesse ficaram assim: o tema principal era a Idade do Ferro e as invasões dos dórios, na busca de esqueleto que seriam medidos pelo crânio visando provar que os dórios pertenciam à raça ariana. O racismo tornou-se um discurso político, na ausência de ossada usava-se a análise dos estilos de pintura. Neste período emergem também o interesse na arte grega, devido ao acervo cerâmico proveniente das escavações arqueológica do período. Beazley cobriu a etapa entre 1200 a 700 a.C. para “*Cambridge Ancient History*” e afirmava que *entre o florescimento da civilização creto-micênica e o período geométrico se encontra um período de tempo de decadência cultural devido as invasões e conflitos incessantes* (MORRIS, 2007: 163).

Entretanto, “*La Cité Antique*” (1864) de Numa Denis Fustel de Coulanges, formado junto aos circulo católico e antigermânico, rechaçou todos os métodos filológicos provenientes dos alemães. Fustel alegava que todas as sociedades indo-europeias estavam fundadas em torno do culto aos antepassados sepultados próximo das residências. Acrescenta ainda que foi dessa forma que surgiu a sociedade grega e a romana (MORRIS, 2007: 152). A Grécia antiga serviu de base para os debates políticos junto à ideia de estados nacionais como o perigo do republicanismo junto aos britânicos ao citar que na Idade Heroica dos gregos havia florescido uma monarquia ao estilo britânico. Kostas Vlassopoulos no livro “*Unthinking the Greek Polis*” (2007) afirma que a ideia de desestruturação da realeza palaciana serve como sustentação para os gregos visando a construção da história nacional, demarcando o inicio da distinção organizacional



dos gregos quando comparada com os grupos étnicos do Oriente Próximo cujo centro de poder oscilava entre o palácio e o templo (VLASSOPOULOS, 2007: 57).

Corinne Coulet no livro “*Communiquer em Greece Ancient*” nos informa que a escrita emergiu aproximadamente entre o XVI - XIV como nos aponta os tabletes de argila descoberto e Creta acrescido de alguns fragmentos de escrita em vasos de cerâmica. O mérito da descoberta se deve a Arthur Evans, arqueólogo e Michael Ventris arquiteto. A autora relata que antes de 1952 o texto escrito mais remoto conhecido pelos pesquisadores era o de Homero datado do VIII aC e nem se imaginava a existência de qualquer texto anterior a *Iliada* e *Odissea*. Arthur Evans, segundo a autora, denomina a escrita como Linear B devido ao seu traçado peculiar da esquerda para a direita, considerado como o mais remoto sistema de escrita dos gregos, contém três categorias de signos, a saber: os ideogramas, os caracteres fonéticos e os signos determinativos como as barras para separar as palavras (COULET, 1996: 18).

O conjunto de tabletes Linear B chegou até a modernidade devido ao incêndio nos palácios, mesmo a destruição da arquitetura creditada aos dórios, se deve ao processo de transumância dos gregos. A especificidade da escrita linear estava atrelada a necessidade econômica e se prestava a inventariar e administrar os bens do palácio através de arquivos, ação destinada a um pequeno grupo de especialistas identificados como *funcionários palacianos*. A desestruturação da realeza palaciana, os registros e arquivos perderam o seu lugar e tornou-se memória da contabilidade da realeza palaciana. Entretanto, Corinne Coulet nos adverte que a escrita perdida por três séculos ao qual a historiografia francesa denomina de *séculos obscuros* não deve ser considerado como uma *época decadente*, como o termo Dark Ages deixa transparecer devido a ausência da escrita. A autora reconhece a dificuldade de apreender contatos e comunicação além de outras atividades humanas. Entretanto, a escrita reaparece séculos após o incêndio nos palácios sob a forma de um alfabeto precursor da escrita usada no Ocidente na atualidade (COULET, 1996: 22). Podemos indagar que a pesquisadora Corine Coulet considera que o

alfabeto grego teve o seu processo de formação entre XV e VIII, ou seja, em meio ao período denominado de *Dark Age* pela historiografia anglo-americana. Francis Prost corrobora com Corinne Coulet, ao afirmar que a ausência de documento escrito e literário fez emergir uma série de mal entendidos que gerou qualificar o período entre XI ao VIII como *séculos obscuros* ou *idade média dos gregos* ou seja *Dark Age*, termos considerados pelo autor de acentuada conotação pejorativa (PROST, 2000: 50).

Podemos afirmar que a historiografia francesa critica a aplicação do conceito de *Dark Age* para qualificar o período relacionado à desestruturação da realeza palaciana. Em geral os pesquisadores franceses quando detêm necessidade em mencionar o tema preferem usar o termo *séculos obscuros* como forma de distinguir as suas considerações dos adeptos anglo-americanos que fazer uso do termo *Dark Age*.

Junto a historiografia britânica, sectária do termo *Dark Age*, os pesquisadores V.R. Desborough (1964), A.M.Snodgrass (1971) e J.N. Coldstream (1977) tornaram-se *scholars* do tema (DICKINSON, 2006: 200). Anthony M. Snodgrass no livro *“The Dark Age of Greece”* (1971/2000) nos esclarece que o termo *Dark Age* detém como matriz a palavra *darkness* usada originalmente por Gilbert Murray na obra *“The Rise of the Greek Epic”* (1907: 29) no qual o autor situa a sua análise entre o período da desestruturação da realeza palaciana micênica e a formação da Grécia arcaica. Para o autor o termo foi gradualmente atraindo os *scholars* que transformam a expressão *darkness* em *dark age* (SNODGRASS, 2000: 01). O conceito emergiu junto aos pesquisadores de língua inglesa que variavam entre *darkness* e o antigo termo alternativo *Greek Middle Ages* aplicado por Eduard Meyer no livro *“Geschichte des Alterthums/História da Antiguidade”* (1893: 249). Como podemos observar, o termo transitou entre ingleses e alemães, como A. Furtwängler no *“Antike Gemmen”* (1900) e R. Burn no livro *“The World of Hesiod”* (1936). Entretanto, a historiografia credits a H. Bengtson no livro *“Griechische Geschichte”* (1950: 61) como precursor na aplicação do termo *Dark Age* ao utilizar a frase *“dark period of transition”* (SNODGRASS, 2000: 22).

Consideramos que no universo francófono, a estreita ligação com o termo foi efetuada pela pesquisadora Claude Mosse ao trazer para o universo acadêmico francês as pesquisas de Moses I. Finley. A autora parte do pressuposto que um novo problema surgiu após decifrar as marcas presentes nos tabletes de argila encontrados nas ruínas dos palácios de Cnossos em Creta e Pylos no Peloponeso, ou seja, o tablete Linear B deixa transparecer a presença dos primórdios da língua grega (MOSSÉ, 1984: 13).

O mundo descoberto através do Linear B coincide com a narrativa de Tucídides ao ratificar o potencial marítimo dos gregos e através da soberania exercida no continente do Peloponeso. A soberania marítima dos gregos resultou na *liderança unipolar* do *anax* Agamemnon na Hélade e no Mar Egeu. A presença do artefato de argila nos remete a possibilidade de liderança dos reis micênicos na região do Peloponeso em expansão para o Mar Egeu.

Na atualidade podemos afirmar que pesquisa sobre o período de colapso do Bronze Age aponta para uma continuidade no período que o precede, ou seja, *Iron Age*. As recentes pesquisas sobre o período da formação da polis nos relata que a escrita do alfabeto grego teve início neste intervalo de tempo e que devemos relativizar a ideia de total desarticulação e empobrecimento da região como afirmavam os scholars do século XIX. Acrescentamos que o período denominado de *Dark Age* pode não ter sido tão obscuro.

Na Ática a região de Perati apresenta um relativo abandono ou deslocamento de população e acordo com os dados arqueológicos de M.R. Popham no *Collapse of Aegean civilization* ocorreu algumas precariedades no estilo de vida, na produção artesanal e nos contatos e comunicação e o termo *Dark Age* seria mais ajustado para o intervalo do Late Bronze Age e o submicênico (LEMOS, 2006: 88). Entretanto, este intervalo nos aponta que em Atenas, Lefkanti, Argos e Koukonaries/Paros sobreviveram e trazem evidências contrárias (MUHLY, 2003: 27). Logo, consideramos que a continuidade de pesquisas sobre os sítios arqueológicos tornam-se necessários visando trazer novas evidências para os

diversos períodos em tornos da formação da sociedade grega. O artefato proveniente da cultura material tem identificado novos sítios e assentamentos, processo de migração ocorrido nesse intervalo de tempo conceituado de Dark Age.

Tal fato nos leva a concluir, de forma parcial, que a abordagem do período denominado de *Dark Age* ainda continua como uma grande questão histórica que é polêmica e se encontra aberta para novos debates.

## **BIBLIOGRAFIA**

- CANDIDO, M<sup>a</sup> Regina. Arqueologia Clássica em debate. In: *Kerameikos, o lugar antropológico dos praticantes da magia em Atenas*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010, p. 13 a 23.
- COULET, Corinne. *Communiquer en Grece ancienne:écrits, discours, informations, voyages*. Paris: Belles Lettres, 1996.
- DESBOROUGH,V.R. *The Greek Dark Ages*. New York: St Martin's Press, 1972.
- DICKINSON, Oliver. *The Aegean from Bronze Age to Iron Age: continuity and change between the twelfth and eighth centuries BC*. New York: Routledge, 2006.
- ETIENNE,Roland et alii. *Archéologie Historique de la Grece Antique*.Paris:2000.
- FUNARI, P. *Estudos de Arqueologia Histórica*. Erechim, RS: 2005, p.35 a 44/97 a 104.
- LEMOS, Irene S. The Dark Age of Greece. In: BISPHAM, E. *The Edinburgh Companion to Ancient Greece and Rome*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- MORRIS, Ian. *Historia y Cultura: la revolución de la arqueologia* Barcelona: Edhasa, 2007, p. 23-58.
- \_\_\_\_\_. Periodization and the Heroes: inventing a Dark Age. In: GOLDEN, Mark (orgs). *Inventing ancient culture: historicism, prerioidization and the ancient world*. London: Reoutledge,1997.
- MOSSE, Claude. *La Grèce archaïque d'Homere à Eschyle*.Paris: Seuil,1984.

MUHLY, James D. Greece and Anatolia in the Early Iron Age: the Archaeological evidence and the Literacy tradition. *Centennial Symposium, W. F Albright Institute of Archaeological Research and American School of Oriental Research*. New York: Eisenbrauns, 2003.

PROST, Francis (orgs). *Archeologie historique de la Grece antique*. Paris: Ellipse, 2000.

SNODGRASS, A.M. *An Archaeology of Greece*. California: California University Press, 1992. P.36-66.

\_\_\_\_\_. *The Dark Age of Greece*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1971.

VIDAL-NAQUET, Pierre . *O Mundo de Homero*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

VLAASSOPOULOS, Kostas. *Unthinking the Greek Polis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.